

O conceito de espaço na obra Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman

Luiz Eduardo de Freitas Santos¹

RESUMO

Para a Geografia, o espaço é o seu principal objeto de estudo. Sua definição, porém, contém alto grau de dificuldade, quanto à sua compreensão e possibilidades, já que o espaço geográfico é definido pelo movimento da sociedade que lhe dá vida, numa eterna transformação, sendo que, cada período histórico se afirma por meio de novas técnicas, que o caracterizam e uma nova disposição dos objetos. O filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman interpreta as mudanças em curso como um novo momento na Era Moderna. Para Bauman, a tentativa de descrever o novo momento passa necessariamente pela compreensão dos elementos constitutivos da Modernidade Líquida, que resume e descreve um conjunto de características do final do século XX e das primeiras décadas do século XXI, onde surge uma nova política econômica, novas tecnologias, novas técnicas, novas formas de trabalho, novas formas de socialidade, novas formas de lazer, de família, de consumo, novas formas de ir e vir, que nos levam a perguntar: quais as novas características do espaço na Modernidade Líquida? A busca por respostas a essa pergunta orienta nosso trabalho de pesquisa nesta resenha crítica, que visa contribuir com o pensamento geográfico, que busca, cada vez mais, desvendar a interação dinâmica do homem com seu meio.

Palavras-chave: Espaço. Espaço geográfico. Geografia. Modernidade. Modernidade Líquida.

ABSTRACT

For Geography, space is its main object of study. Its definition, however, contains a high degree of difficulty, in terms of its understanding and possibilities, since geographic space is defined by the movement of society that gives it life, in an eternal transformation, and each historical period asserts itself through new techniques, which characterize it and a new arrangement of objects. Polish philosopher and sociologist Zygmunt Bauman interprets the

¹ Graduado em Administração de Empresas pela Universidade Metodista de São Paulo (1998), pós-graduado em Docência no Ensino Superior pela Universidade Bandeirante de São Paulo (2000), graduado em Geografia pela Universidade de São Paulo (2004), Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2018) e atualmente é Professor Coordenador do Curso de Licenciatura em Geografia do Centro Universitário Sumaré. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9180226851593074>

ongoing changes as a new moment in the Modern Era. For Bauman, the attempt to describe the new moment necessarily involves understanding the constituent elements of Liquid Modernity, which summarizes and describes a set of characteristics of the end of the 20th century and the first decades of the 21st century, where a new economic policy emerges, new technologies, new techniques, new forms of work, new forms of sociality, new forms of leisure, family, consumption, new ways of coming and going, which lead us to ask: what are the new characteristics of space in Liquid Modernity? The search for answers to this question guides our research work in this critical review, which aims to contribute to geographic thinking, which increasingly seeks to unveil the dynamic interaction of man with his environment.

Keywords: Space. Geographic space. Geography. Modernity. Liquid Modernity.

I - INTRODUÇÃO

I.1. Problematização

Para a Geografia o espaço é o seu principal objeto de estudo.

O espaço geográfico, podemos acrescentar, é, por certo, a mais importante das categorias de análise da ciência geográfica.

A constituição deste espaço geográfico, por sua vez, está baseada na inerente interação entre a sociedade humana com o próprio espaço terrestre, e é dessa interação dinâmica do homem com seu meio, que o espaço geográfico se origina, se constitui.

Sua definição, contudo, contém um elevado grau de dificuldade quanto ao seu entendimento e possibilidades. Isso ocorre, pois, conforme Milton Santos sinaliza, “sua definição é árdua, porque sua tendência é mudar com o processo histórico, uma vez que o espaço geográfico é também o espaço social” (Santos, 1990, p. 120).

E diante desse contínuo processo histórico e também social, Moraes e Costa ressaltam que “as sociedades humanas, para reproduzirem as condições de sua existência, estabelecem, como visto, relações vitais com o seu espaço” (Moraes e Costa, 1984, p. 121).

Podemos, no entanto, entender as relações vitais como a luta pela sobrevivência, onde o homem, por meio do trabalho, transforma o meio natural para obter seu sustento, transformando e reconfigurando continuamente o espaço geográfico. Ou, como diria Fayga Ostrower, em seu livro *Criatividade e processos de criação*,

[...] quando vemos uma jarra de argila produzida há cinco mil anos por algum artesão anônimo [...], com um propósito bem definido [...], talvez guardar água ou óleo, em moldando a terra moldou a si próprio. [...] Estruturando a matéria, também dentro de si ele se estruturou. Criando, ele se recriou” (Ostrower, 1977, p. 51).

Como vemos, as transformações do meio natural são, portanto, registros deixados pela sociedade humana no espaço geográfico, que se recria a cada momento.

E é assim, portanto, que as épocas se distinguem umas das outras. Todo e qualquer período histórico se afirma com um elenco correspondente de técnicas que o caracterizam e com uma família correspondente de objetos. Ao longo do tempo, um novo sistema de objetos responde ao surgimento de cada novo sistema de técnicas. Em cada período, há, também, um novo arranjo de objetos. Em realidade, não há apenas novos objetos, novos padrões, mas, igualmente, novas formas de ação. [...] (Santos, 2006. p. 61-62).

Assim, podemos concluir que o espaço geográfico se define pelo movimento da sociedade que lhe dá vida, num eterno transformar-se, sendo que tal análise oportuna para justificar a importância deste estudo no momento atual, profundamente marcado por mudanças estruturais de grandes dimensões, já que nas últimas décadas a humanidade vem passando por intensos processos de transformação em diferentes esferas: econômica, política, social e cultural, que têm promovido intensas e profundas transformações no espaço geográfico, os quais a obra de Bauman nos ajuda a entender.

Analisando o período contemporâneo, já no início do século XXI, ainda atordoados pelo “11 de setembro”, somos todos arremessados num turbilhão de fatos e eventos complexos de dimensões globais, como a crise da Bolsa de Valores de Nova York, em 2008, o rápido crescimento dos países emergentes, a ameaça dos grupos terroristas, fortalecidos pelo enfraquecimento dos Estados Nacionais, a crise das migrações pelo planeta, a Pandemia da Covid 19, a saída do Reino Unido da União Europeia e a perspectiva de uma “Desglobalização” em curso, com a retomada do Nacionalismo, que expõe os excessos da política econômica Neoliberal, imposta desde o final do século XX.

Adiciona-se a esse cadinho efervescente de grandes mudanças, as transformações tecnológicas, como o desenvolvimento da internet, a tecnologia wireless, os dispositivos móveis conectados, a internet das coisas, a indústria 4.0, as redes sociais e o poder das *big techs* sobre nossas vidas, além da Inteligência Artificial e toda a desarticulação das formas

tradicionais de trabalho, que produzem a criação de um “novo mundo do trabalho”, com todas as implicações que isso pode gerar para indivíduos, sociedade e governos.

Em meio a todas essas transformações no mundo contemporâneo surgem tentativas de interpretações e entendimentos, que nos deem possibilidades de desvendamentos. Entre essas tentativas destaca-se o pensamento e a obra do filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que interpreta as mudanças em curso como um novo momento da Era Moderna. Um Modernidade que, embora não rompa totalmente com os seus elementos fundantes, apresenta substanciais diferenças.

Modernidade Líquida de Bauman descreve um conjunto de características do mundo atual, que possibilita a visibilidade de um novo contexto, algo diverso, que aos poucos vem alterando a fisionomia do mundo vivido, transformando o mundo como o conhecíamos, revelando o surgimento de uma nova Modernidade, mais fluida, flexível, sem uma forma definida. Para Bauman, a tentativa de descrever o novo momento passa necessariamente pelo entendimento dos elementos construtivos da Modernidade, caracterizado pelo espírito de uma época forjada pela Revolução Industrial, perpetrando suas características aos séculos XIX e XX. Uma cultura industrial, calcada na relação capital/trabalho, que se reproduzia nas linhas de produção e nas fábricas em ritmo frenético, com seus automóveis e demais produtos, que ditavam o ritmo de uma sociedade e suas relações sociais, reproduzindo os padrões de consumo para as massas, numa simbiose que marca um longo período da história humana.

No momento mais recente da humanidade, no entanto, Bauman identifica uma profunda e rápida transformação no modelo de produção e nas formas de trabalho. Passamos a conviver com uma intensa desconcentração industrial em muitas regiões; redução acentuada da massa de trabalhadores assalariados nas fábricas; redução da participação da renda industrial no PIB de vários países; perda de renda de uma classe média industrial; crise socioeconômica em várias regiões tradicionalmente industrializadas.

Neste primeiro quarto de século XXI vivemos um novo momento no mundo, uma nova época, uma nova cultura, construída sobre as ruínas do passado, surgindo em oposição ao período anterior, onde as fábricas e o modelo industrial perdem sua centralidade na economia, na estruturação da sociedade e no estabelecimento das relações humanas. Um novo momento produzindo fissuras importantes na sociedade moderna, pela transformação

de seus elementos como: o trabalho, o tempo, o espaço, a sociedade, o indivíduo e a vida em comunidade.

Tudo parece desfazer-se na fluidez dos líquidos, propõe Bauman, em oposição à rigidez dos sólidos, que uma vez deformados não retornam ao seu estado original. Nesta metáfora reside o pensamento e a tentativa do autor de interpretação do período atual, onde a mudança e a adaptação constante passam a ser uma condição de sobrevivência.

Surge então novas formas de socialidade, novas tecnologias, novas técnicas, novas formas de trabalho, novas formas de lazer, de família, de consumo, novas formas de ir e vir, nos levam a perguntar: quais as novas características que o espaço adquire na Modernidade Líquida?

É, portanto, a busca por respostas a essa pergunta que orienta nosso trabalho de pesquisa neste breve estudo, que visa contribuir com o pensamento da ciência geográfica e desvendar a interação dinâmica do homem com seu meio no mundo contemporâneo.

I.2. Justificativa

Pela exposição acima, neste trabalho de pesquisa pretendemos penetrar no pensamento de Bauman, em especial em seu livro *Modernidade Líquida*, uma das principais obras do autor, escrita originalmente em 2000, e publicada no Brasil em 2001.

Para tanto, realizaremos uma resenha crítica da referida obra, em especial do capítulo 3, *Tempo/Espaço*, onde encontramos os elementos mais importantes para o assunto que pretendemos tratar.

Como sabemos, uma resenha crítica é um gênero textual descritivo e opinativo, onde realizaremos uma interpretação do conceito proposto por Bauman, para o período contemporâneo, a *Modernidade Líquida*, analisando também a comparação, feita pelo próprio autor, entre a concepção de espaço na *Modernidade Líquida*, e suas diferenças em relação à concepção de espaço reinante no período Moderno.

Para fins deste trabalho realizaremos um aprofundamento da análise no capítulo 3 – *Tempo/Espaço*, explorando os conceitos e exemplos, sendo que, por vezes apresentaremos

elementos adicionais, que acreditamos contribuirá com a clareza do texto e análise dos conceitos.

Acrescentamos que este texto foi escrito para geógrafos e também para aqueles que buscam entender e discutir a produção do espaço, como arquitetos, urbanistas, profissionais das ciências humanas, da Filosofia, das artes. Mas também procuramos ajustar a linguagem para alcançar outros tipos de leitores, menos afeitos às conceituações específicas do universo estudado, incluindo aqui o público estudante no ensino superior, ou mesmo jovens do ensino médio, que desejam conhecer melhor a temática em discussão, ou mesmo conhecer melhor os modelos de elaboração de uma resenha crítica.

Por último, podemos afirmar que a fundamentação teórica do espaço vivido diz respeito a todos nós. Interessa a todos nós que vivemos no planeta Terra, uma aldeia Global, interligada e interconectada, onde tudo o que se passa aqui, influencia ali. É preciso entender bem o nosso espaço vivido, para cuidarmos bem daquilo que o Papa Francisco (2015) chama de “a nossa casa”.

I.3. Objetivos

Conforme o exposto até o momento, este breve trabalho de pesquisa tem por objetivo geral: identificar os elementos centrais do conceito de espaço proposto por Zygmunt Bauman, em seu livro *Modernidade Líquida*.

Além desse objetivo principal também pretendemos identificar, na referida obra, as características de espaço que o autor retrata para o período *Modernidade*, para analisar e discutir as diferenças existentes no conceito de espaço existente entre os dois conceitos citados.

Acreditamos que, ao contribuir para a compreensão do conceito de espaço na *Modernidade Líquida* estaremos contribuindo com o desenvolvimento do pensamento geográfico e com a rica e contínua classificação conceitual de sua maior categoria de análise - o espaço geográfico.

II – REFERENCIAL TEÓRICO

A base referencial teórica para uma resenha crítica, evidentemente passa pela análise prioritária da obra em análise. Assim sendo, a obra *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman é o fio condutor deste estudo. O capítulo 3 - Espaço/Tempo, em especial, por tratar do nosso principal objeto de estudo, o uso espaço, foi utilizado como o ponto de apoio para a análise da obra retratada nesta resenha crítica.

Além de adotar a obra em destaque, também utilizamos outros referenciais, para amparar e fundamentar nossa linha de análise crítica. Para embasar nossos referenciais teóricos referentes à noção de espaço geográfico utilizamos a ilustre presença de autores clássicos da vertente teórica da Geografia Crítica: Milton Santos, Antônio Carlos Robert de Moraes e Wanderlei Messias da Costa.

Do primeiro autor foram utilizadas duas obras: (1) *Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*, de 1990 e; (2) *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, de 2006. Ambos se tornaram livros basilares do pensamento geográfico brasileiro e foram utilizados para a definição da nossa visão de espaço geográfico.

Quanto à obra de Moraes e Costa utilizamos o livro *Geografia crítica: a valorização do espaço*, de 1984, que discute com desenvoltura a valorização e a revalorização do espaço sob a lógica do capital. Esta obra será especialmente importante para definir o papel do trabalho humano e das técnicas utilizadas em cada período histórico visando a reprodução das condições de sua existência um dos principais elementos transformadores do espaço.

Ainda citando autores da Geografia devemos ressaltar a utilização do geógrafo britânico David Harvey e sua obra *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, de 1992, que discute as mudanças culturais na passagem da Modernidade para a pós-modernidade, ressaltando o conceito de compressão do espaço, por meio do tempo.

Para concluir a citação dos autores geógrafos e suas contribuições teóricas a esse trabalho devemos acrescentar a presença de Rogério Haesbaert e de sua obra *O mito da*

desterritorialização: do fim do território à multiterritorialidade, de 2004. Esta obra, em especial, escrita posteriormente à conclusão do livro de Modernidade Líquida, permite uma crítica à conclusão de Bauman, quanto à desvalorização do espaço. Em oposição à essa visão, Haesbaert propõe uma análise mais ampla, de uma multiterritorialidade e as múltiplas valorizações e revalorizações, que o espaço geográfico adquire na contemporaneidade.

Além dos importantes geógrafos aqui citados também lançamos mão de outros autores, igualmente importantes para os temas tratados. Entre estes incluímos a bela contribuição conceitual da artista plástica Fayga Ostrower e sua obra Criatividade e processos de criação, de 2014, da qual emprestamos importante conceituação sobre o trabalho humano e seu poder de transformação do mundo.

Outra importante contribuição foi extraída do escritor francês Victor Hugo em sua obra Os trabalhadores do mar, de 1866, onde explicita de forma brilhante e poética o emprego das novas técnicas da modernidade e a transformação do trabalho, do comércio, das relações, do espaço, da vida.

Finalizando esta breve análise do referencial teórico adotado devemos incluir a Carta Encíclica do Papa Francisco, Laudato si (Louvado seja) que, com seu estudo e sua visão nos permite delimitar e transmitir a dimensão humana e ecológica que o espaço contém, sendo ele, o espaço geográfico, “a nossa casa”.

III - METODOLOGIA

O livro Modernidade Líquida foi escrito em 2000 e lançado no Brasil no ano seguinte, em 2001, pela editora Zahar. O livro contém 239 páginas, dispostas entre o prefácio, seus cinco capítulos (1 - Emancipação; 2 – Individualidade; 3 – Tempo/Espaço; 4 – Trabalho; 5. Comunidade) e o posfácio.

Para fins dessa resenha iremos nos ater, ao capítulo 3 - Tempo/Espaço, que foi subdividido pelo autor em sete partes: Quando estranhos se encontram; Lugares êmicos, lugares fágicos, não-lugares, espaços vazios; Não fale com estranhos; A modernidade como história do tempo; Da modernidade pesada à modernidade leve; A sedutora leveza do ser e; Vida Instantânea.

A leitura do capítulo permitiu a análise dos dados, que forma divididos em três tópicos: (1) A crise do espaço público; (2) A Modernidade como história do tempo e; (3) Da modernidade pesada à modernidade leve.

A análise dos dados levou em conta as concepções teórico-metodológicas da Geografia Crítica, uma corrente epistemológica fundada na Geografia, a partir da década de 1970, a partir de uma análise crítica dos modos de produção, a produção e a reprodução do espaço, a propriedade, o espaço público, o papel do Estado, os mercados, o consumo, a divisão do trabalho, as classes sociais de classes e as resultantes espaciais desses arranjos determinados, sem deixar de lado a crítica à lógica do capital e seus resultados à sociedade e ao ambiente.

A Geografia crítica, neste trabalho, pode ser representada pela escolha dos autores geógrafos, como Milton Santos (1990 e 2006), Moraes e Costa (1984), David Harvey (1992) e Rogério Haesbaert (2004).

Além dos geógrafos citados, o próprio Bauman (2001), pelo conjunto de sua obra, pode também ser incluído nesta plêiade de autores críticos, problematizando a crise do espaço público e denunciando sua privatização e segregação, bem como a fugacidade dos capitais, suas múltiplas artimanhas, manobras e estratégias de dominação.

IV - ANÁLISE DOS DADOS

IV.1 - A crise do espaço público: espaços autossegregados, espaços públicos-mas-não-civis.

Zygmunt Bauman inicia o capítulo 3 do livro *Modernidade Líquida* com a descrição de um projeto idealizado pelo arquiteto inglês George Hazelton, denominado *Heritage Park*, localizado na Cidade do Cabo, África do Sul. Trata-se, de fato, de uma versão *high tech* das aldeias medievais, protegidas por altos muros torres e pontes levadiças. Um enorme condomínio fechado feito para indivíduos que desejam ao mesmo tempo um claustro e uma fortaleza inacessível e bem guardada. São 500 acres de terra margeada por cercas elétricas, vigilância eletrônica, barreiras pelos caminhos e guardas fortemente armados, para possibilitar aos mais afortunados o acesso privado de lojas exclusivas, restaurantes, igrejas,

teatros, áreas de lazer, lagos com salmões, playgrounds, quadras de tênis e espaços livres para as futuras demandas da boa vida (Bauman, pp.107-108).

Para Bauman, a criação de espaços como o *Heritage Park*, os chamados espaços autossegregados, refletem a questão do medo cotidiano, onde é emergente a presença de seguranças fortemente armados, câmeras de TV, muros e portões de acessos fortemente vigiados, que nos fazem ter a clareza que hoje a primeira questão é a segurança, ou, melhor dizendo: o medo!

De acordo com Bauman, as ruas inseguras mantêm as pessoas longe dos espaços públicos e a necessidade de segurança assume o primeiro lugar na preocupação da sociedade. A “política do medo cotidiano” leva à privatização e a militarização do espaço público, fazendo das ruas, parques, e mesmo lojas, lugares mais seguros, porém menos livres, favorecendo a indústria da segurança privada, que atua com o emprego de guardas fortemente armados, criando a compartimentação das áreas públicas e a criação dos enclaves defensáveis, com acessos seletivos (Zukin *apud* Bauman, 2001, pp.110-111).

Com isso, o modelo ideal de espaço público se perde com essa situação do medo, fazendo com que as cidades contemporâneas percam a condição ofertar espaços civis. Para Bauman, há muitos lugares nas cidades contemporâneas onde os espaços públicos estão longe de serem espaços onde há civilidade, e sem a civilidades perde-se a condição de mútuo respeito entre os cidadãos.

Nas cidades contemporâneas, propõe Bauman, possibilita-se a condição do surgimento do espaço público-mas-não civil, como por exemplo a praça *La Défense*, em Paris, margeada de edifícios fantásticos, cobertos de vidro, sem janelas ou portões, que dão as costas à praça. Os prédios são imponentes e inacessíveis. Estão na praça, mas não fazem parte dela. Na praça não há bancos para sentar ou descansar e os pedestres apressados cruzam a praça e desaparecem, até que se tenha a chegada da próxima composição do metrô e lance sobre ela nova leva de transeuntes. “Na praça percebe-se a falta de hospitalidade: tudo que se vê inspira respeito e ao mesmo tempo desencoraja a permanência” (Bauman, 2001, p.113).

Outro espaço público, mas não civil, na visão de Bauman, são aqueles que se destinam ao consumo e transformam os habitantes em consumidores. Os templos de

consumo, como: salas de concerto, pontos turísticos, shopping centers, café, entre outros, destinados aos prazeres das compras, onde a tarefa é o consumo. Templos bem vigiados e guardados, ilhas de ordem para propiciar o momento da compra, que oferecem um “equilíbrio quase perfeito” entre liberdade e segurança (Bauman, 2001, p.114).

As multidões que se destinam aos shoppings centers configuram-se no ideal imaginário moderno de comunidade. Espaço pensados para propiciar segurança, ambientes produzidos para propiciar o consumo/compra, padronizando os comportamentos dos que para lá convergem, pois todos estão em busca das mesmas coisas – consumir. Uma comunidade do e para o consumo. O templo do consumo para os fiéis com os mesmos credos, mesmos gestos, mesmo vestir-se, um mesmo ir e vir.

Outros espaços fazem parte da análise de Bauman, os chamados “não lugares”, que são espaços destituídos das expressões simbólicas de identidade, relações e história, como por exemplo: os aeroportos, autoestradas, quartos de hotel, estações de transporte público, bem como os “espaços vazios”, compostos por favelas, guetos, campos de refugiados e comunidades periféricas, que vêm tendo seu uso ampliado na contemporaneidade, seja em razão dos aumentos dos fluxos e da mobilidade das pessoas, ou em razão da tendência à criação de locais de isolamento e distanciamento do outro, do desigual, dos excluídos.

São os novos sentidos da contemporaneidade, que estes espaços adquirem: a separação espacial; o acesso seletivo aos espaços e o impedimento seletivo aos usos. Os lugares públicos-mas-não-civis fazem com que se evite o comércio arriscado, a comunicação difícil, a negociação enervante e as concessões irritantes (Bauman, 2001, p. 123).

Toda essa análise nos faz perceber a tendência de segregação do espaço público nos dias atuais, a tentativa de manter o outro longe, em locais segregados destinados aos excluídos. Ou, se tiver que ter acesso e entrar, que seja vigiado, ou mesmo codificado em suas ações, modo de vestir, falar, agir. Cria-se assim, ao mesmo tempo uma separação territorial e a construção de um “espaço que seja defensável, separado, espaço que precisa de defesa e é digno de defesa precisamente por ser separado” (Bauman, 2001, p.124).

Toda essa orquestração e manejo do espaço público, por parte de uma elite, reflete uma resposta racional à crise do espaço público, nos dizeres de Bauman (p. 125), a

incerteza existencial enraizada na nova fragilidade ou fluidez dos laços sociais, ou mesmo no desengajamento e ruptura desses mesmos laços, tão característicos da contemporaneidade, que se configura como uma forma do uso dos espaços, ou poderíamos simplesmente caracterizá-los como espaços característicos da Modernidade Líquida.

IV.2 - A Modernidade como história do tempo

Foi durante a Modernidade que a ciência e as técnicas deram um salto extraordinário. Com a queima do carvão mineral e a máquina à vapor, que impulsionou as máquinas da Revolução Industrial, como as locomotivas e os barcos à vapor, as inovações modernas substituíram a força dos ventos, a força das águas, a força humana e a força dos animais no trabalho agrícola, na produção em geral e nos transportes.

Antes das descobertas científicas obtidas durante o período Moderno, eram os músculos humanos e a força dos animais, combinado aos caprichos dos ventos, para impulsionar as velas dos barcos e da sazonalidade das águas dos rios, para movimentar os moinhos, as únicas forças propulsoras disponíveis aos homens, para vencer as distâncias e realizar todo tipo de trabalho necessário.

Este período é denominado por Bauman como o *wetware*, onde homens, bois e cavalos faziam o esforço e estabeleciam os limites do tempo e do espaço, o que era longe e o que era perto. Uma época em que

“um par de pernas humanas pode ser diferente de outros, mas a substituição de um par por outro não faria uma diferença suficientemente grande [...]. Os reis talvez pudessem viajar mais confortavelmente que seus prepostos, e os barões mais convenientemente que seus servos; mas, em princípio, nenhum deles poderia viajar muito mais depressa que qualquer dos outros” (Bauman, 2001, pp.128-130).

Com a Modernidade, no entanto, as inovações e novas máquinas facilitaram o trabalho e os veículos passaram a percorrer distâncias em velocidade superior aos homens e aos cavalos, superando distâncias em tempos cada vez menores. Com a invenção da máquina à vapor e do motor à explosão a igualdade relativa entre os homens chega ao fim.

Segundo Bauman, “quem viajasse mais depressa podia reivindicar mais território - e controlá-lo, mapeá-lo e supervisioná-lo -, mantendo distância em relação aos competidores e deixando os intrusos de fora” (Bauman, 2001, p. 130).

A esse respeito é singular a passagem descrita por Victor Hugo, no romance *Os trabalhadores do mar*, escrito durante seu exílio na ilha de Guernsey, em 1866. Uma pequena ilha no Canal da Mancha, próxima à costa da França, que foi local privilegiado das observações do autor, quanto às transformações promovidas pelas novas tecnologias introduzidas pela Modernidade, na pacata localidade. O escritor francês, sensível às transformações de sua época, assim descreve a chegada do primeiro barco à vapor:

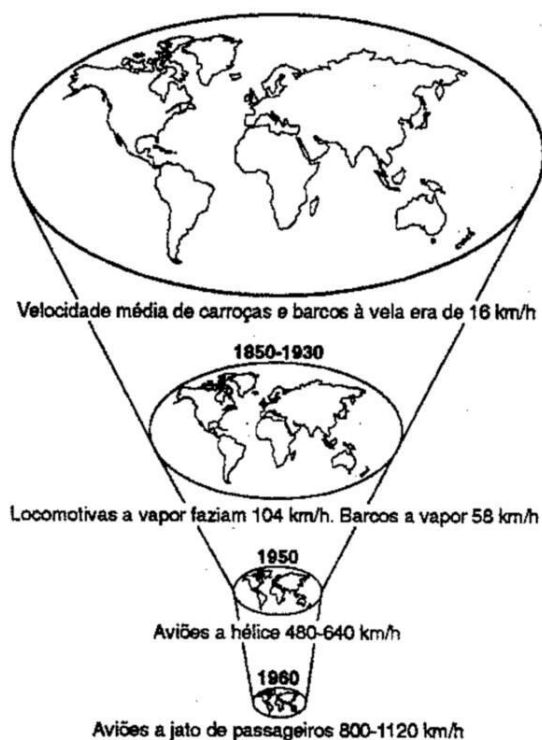
[...] a gente de Saint-Sampsons viu estupefata sair daquele porto um navio deitando fumo, e produzindo o efeito de um incêndio no mar: foi o primeiro vapor que sulcou as águas da Mancha. Aquele navio, alcunhado Galeota de Lenthierry, pelo desdém e ódio de todos, foi anunciado para fazer a carreira de Guernesey a Saint-Malo. [...] Todos os proprietários de navios de carreira entre a ilha guernesiana e a costa francesa clamaram imediatamente. Denunciaram aquele atentado feito às Santas Escrituras e ao monopólio. [...] Mas a pouco e pouco foram vendo que os tais bois chegavam menos estafados, e vendiam-se melhor, por ser a carne mais tenra; que também para os homens eram menores os riscos do mar; que a passagem, menos dispendiosa, era segura e mais curta; que eram fixas as horas de saída e de chegada; que o peixe, viajando mais depressa, chegava mais fresco, e que se podia levar aos mercados franceses as sobras das grandes pescas, tão frequentes em Guernsey; que a manteiga das admiráveis vacas de Guernsey fazia mais rapidamente o trajeto no Devil-Boat que nas chalupas à vela, e não perdia na qualidade; [...] havia segurança na viagem, regularidade na comunicação, tráfego fácil e pronto, aumento de circulação, multiplicação de mercados, extensão de comércio; em suma, que era preciso aproveitar o Devil-Boat que violava a Bíblia e enriquecia a ilha (HUGO, 2002, p. 63).

Pela bela passagem expressa por Victor Hugo podemos bem compreender o esforço de Bauman para nos fazer entender o momento da mudança do *wetware*, para um novo momento, onde as invenções modernas dominam o espaço, promovendo um redimensionamento do tempo-espaço. Trens e barcos à vapor permitem imprimir maior velocidade às viagens, ao comércio, o domínio dos territórios e dos mercados, promovendo

um novo domínio do espaço. “Nessa corrida, a expansão espacial era o nome do jogo e o espaço, seu objetivo; o espaço era valor, o tempo, a ferramenta. Para maximizar o valor, era necessário afiar os instrumentos” [...] (BAUMAN, 2001, p. 131).

Um outro autor que sintetizou a situação, e nos auxilia no entendimento foi o geógrafo britânico David Harvey, em especial em seu livro *A condição pós-moderna* (2013), no qual extraímos a ilustração a seguir. Por meio desta, podemos perceber o encurtamento dos espaços com a incorporação de novos meios de transportes, cada vez mais modernos e mais velozes, cobrindo distâncias maiores com cada vez menos tempo. Para Harvey, neste período passa a ocorrer a compressão do tempo-espaço, a aceleração do ritmo da vida e a sensação de “encolhimento do mundo”.

**O MAPA DO ENCOLHIMENTO DO MUNDO
ATRAVÉS DE INOVAÇÕES NO TRANSPORTE QUE
“ANIQUILAM O ESPAÇO ATRAVÉS DO TEMPO”**



Fonte: Harvey, 2013, p.220.

Diante da nova condição, Bauman assevera que esse momento marca o período de transição do *wetware*, onde os humanos se assemelhavam diante dos desafios da natureza, para a era do *hardware*, um novo momento no qual se ampliam as diferenças entre os

homens: entre aqueles capazes de se apropriar de novas invenções e novas capacidades técnicas e os demais, que ficam à margem e sujeitos às estratégias e imposições dos primeiros.

IV.3 - Da modernidade pesada à modernidade leve

Para Bauman, o período caracterizado como *hardware* refere-se aos primórdios da Revolução Industrial e avança pelos séculos XIX e XX, podendo ser também denominada como a “modernidade pesada”, onde os muros das fábricas, suas chaminés, grandes maquinários e milhares de operários marcavam as paisagens urbanas, sendo a fábrica fordista sua melhor tradução. “Maior significa mais eficiente. Na versão pesada da modernidade, o progresso significava tamanho crescente e expansão espacial” (Bauman, 2001, p. 134).

A conquista do espaço e dos territórios era uma forte característica deste período. As fábricas, seus altos muros e vigilância ostensiva, exigindo muros impenetráveis e postos avançados rigorosos, guardas em permanente vigília e localização secreta. Isso porque a

Riqueza e poder que dependem do tamanho e qualidade do *hardware* tendem a ser lentas, resistentes e complicadas de mover. Elas são ‘encorpadas’ e fixas, feitas de aço e concreto, medidas por seu volume e peso. Crescem expandindo o lugar que ocupam e protegem-se protegendo esse lugar: o lugar é simultaneamente seu viveiro, sua fortaleza e sua prisão (Bauman, 2001, p.133).

Todo esse enorme aparato composto por uma grande quantidade de tijolos, metais e operários, obviamente tinha seu custo, que, evidentemente, não era pequeno. Um imenso capital imobilizado, atado ao espaço, sendo acorrentados um ao outro: capital/trabalho, numa relação simbiótica e, ao mesmo tempo, unívoca. Atados ao espaço, até que a morte os separe.

E a morte desse modelo viria com o tempo, parceiro que se separa do espaço, pois a era do *hardware* seria superada definitivamente pela era do *software*, ou dos *softwares* aniquiladores do espaço através do tempo.

No universo de *software* da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em “tempo nenhum”; [...] o espaço não impõe mais limites à ação e seus efeitos, e conta pouco, ou nem conta. Perdeu seu valor estratégico, diriam os especialistas militares (Bauman, 2001, p.136).

Essas constatações de Bauman tornam-se ainda mais relevantes durante a Pandemia do Covid 19, quando a necessidade de realização do trabalho em home office tornou-se uma realidade concreta e palpável a milhões de pessoas em todo mundo. Quando os trabalhadores foram obrigados a permanecer em seus lares, os escritórios das grandes empresas foram fechados e muitos deles devolvidos aos reais proprietários, enquanto o trabalho continuava a ser realizado remotamente por trabalhadores conectados pelos aplicativos de vídeo conferência e plataforma de teletrabalho, com chamadas de vídeos, reuniões, troca de mensagens, arquivos de textos, planilhas eletrônicas, apresentações, treinamentos online, entre outras possibilidades de interação virtual.

O trabalho remoto tornou-se uma realidade nos dias de hoje e redefine o próprio trabalho, a força de trabalho e o próprio mercado de trabalho, antes circunscrito a uma região torna-se agora um mercado de trabalho globalizado, com pessoas podendo realizar suas atividades laborais de qualquer lugar, desde que estejam com uma conexão adequada à internet.

Para Bauman, “a quase instantaneidade do tempo do *software* anuncia a desvalorização do espaço” (Bauman, 2001, p.137).

Essa nova condição do trabalho remoto, livre das amarras fixas das fábricas e dos escritórios permitiu ao capital desvincular-se do velho modelo de trabalho presencial. Para Bauman essa nova condição “permite ao capital ser extraterritorial, volátil e inconstante”. Viajar rápido em buscas de oportunidades onde quer que elas estejam: leveza e mobilidade. Os antigos ativos imobilizados (fábricas, galpões e escritórios) deixam de ser recursos para serem riscos, jogar fora todo peso não vital, livrar-se da onerosa administração e supervisão das equipes grandes. Antes, no capitalismo pesado buscava-se em conservar a mão de obra e subordiná-la. No modelo atual o novo mantra é manter a mão de obra afastada, ou ainda melhor, forçá-la a sair.

A redução, o downsizing, o emagrecimento tornam o capital mais leve e movediço, com mais campo de manobra e abrigos para se esconder, sendo estas algumas das facetas contemporâneas da dominação.

Todavia, embora essa condição possibilite entender o sentido da desvalorização do espaço, seria importante concluir com uma análise mais reflexiva sobre os sentidos desta desvalorização e propor outros olhares, permitindo a compreensão de uma revalorização contínua dos espaços em diferentes dimensões: seja pela redefinição dos mercados imobiliários, pela revalorização de outras regiões em razão de outros usos, ou mesmo pelas novas lógicas, que frequentemente se impõem aos lugares.

V - Conclusão:

À guisa de uma conclusão podemos perceber, que no primeiro trecho do conteúdo tratado, Zygmunt Bauman discorre sobre a crise do espaço público, tornado cada vez mais privatizado e submetido à lógica do capital e da indústria da segurança privada.

O espaço autosssegurado, representado pelo exemplo do *Heritage Park*, sintetiza a tendência dos condomínios fechados, fortemente vigiados e com acessos restritos aos moradores, seus convidados e trabalhadores, desde que devidamente autorizados, monitorados e padronizados.

A criação de uma política do medo leva à criação de uma indústria da segurança, com conseqüente militarização do espaço público, fazendo com que ruas, parques e lojas monitoradas tenham a aparência de lugares mais seguros, embora menos livres.

O espaço vigiado pela indústria privada da segurança redundará em um espaço segregado, permitindo somente acesso àqueles que tenham o perfil desejado e se comporte conforme o esperado, ou seja consumir, comprar. O espaço segregado estará disponível somente àqueles que possam pagar pela segurança, seja dos condomínios fechados, sejam as compras nos shoppings centers, cafés, salas de concertos, pontos turísticos. O espaço público transforma-se em mercadoria e tudo se transforma em consumo.

Àqueles despossuídos do poder de pagar pela sua permanência nos espaços segregados restará o acesso aos “espaços vazios”, que restam desprezados pela lógica do capital e que ainda jazem em usos não mercantis, alheios às especulações do mercado imobiliário. Estes espaços serão compostos por favelas, guetos, campos de refugiados e comunidades periféricas, que ainda resistem e sobrevivem por conta e risco, sem atrair o interesse dos “proprietários privados do espaço público”.

Nessa lógica excludente, Bauman critica o espaço público-mas-não-civil, onde se estabelece uma separação territorial e a construção de um espaço autosegregado por parte de um grupo, uma elite, que promove uma maior incerteza existencial enraizada na nova fragilidade ou fluidez dos laços sociais, no desengajamento e ruptura de laços, tão característicos da contemporaneidade.

Mas para entendermos essa nova dinâmica do uso do espaço na Modernidade Líquida, ou como este processo se inicia, faz-se necessário um retrocesso histórico para compreendermos os usos do espaço na passagem do período Moderno e suas transformações na relação tempo/espaço.

É durante a Modernidade que há um salto substancial na ciência e nas técnicas, permitindo invenções, máquinas e veículos que possibilitam ao homem a superação de distâncias e a realização de trabalho de forma até então inimagináveis.

Com a máquina à vapor, as locomotivas e os barcos tornam-se aparatos técnicos fundamentais para que se viajasse mais depressa, a fim de reivindicar mais territórios, para controlá-los, mapeá-los e supervisioná-los, deixando intrusos e competidores para trás. Inicia-se uma corrida tecnológica que possibilita novos negócios e a realização de fortunas.

Com a Era Moderna passa a ocorrer o encurtamento dos espaços e a cobertura de distâncias maiores com cada vez menos tempo. Neste período, passa a ocorrer a compressão do tempo-espaço, a aceleração do ritmo da vida e a sensação do “encolhimento do mundo”. A era dos músculos dos homens e dos animais (o *wetware*) dá lugar à era das máquinas (os *hardwares*) cada vez mais velozes.

Nesse período, que também é definido por Bauman como a modernidade pesada, as locomotivas apressadas, os barcos à vapor e fábricas (com seus muros, chaminés,

imponente maquinários e milhares de operários e suas linhas de produção) marcavam as paisagens urbanas das cidades mais importantes.

Ferrovias, locomotivas, portos, barcos à vapor e indústrias simbolizavam o progresso, que exigia, por sua vez, tamanho crescente e expansão espacial. O capital materializava-se no espaço por meio de um novo aparelhamento técnico, capaz de reproduzir o capital investido, porém atrelado à busca cada vez maior de espaço para sua expansão. Maior espaço, com maior emprego de técnica e mais mão-de-obra significava maior lucro, porém ao custo de um imenso capital imobilizado e atado ao espaço.

O tempo, porém, encarregou-se de pôr fim a esse período, denominado *hardware*. Com o desenvolvimento de novas tecnologias as fábricas introduziram a substituição da linha de produção pelo modelo flexível do *just-in-time*, com a introdução de novos dispositivos tecnológicos, uso de robôs e a redução de estoques – a fábrica enxuta, em todos os sentidos e de tamanho reduzido, passa a ser capaz de ser desmontada e remontada em qualquer lugar do mundo. O fordismo do Modernidade Sólida dá lugar ao Toyotismo, anunciando uma nova era na produção industrial.

Mas as mudanças não paravam por aí, pois a criação de novos e mais completos *softwares*, conectados à internet e aos dispositivos sem fio possibilitam as mais amplas aplicações ao trabalho industrial e administrativo. A era dos *softwares* define o limite da era dos *hardwares*. Agora é possível ocupar cada vez menos espaço, para garantir a expansão do capital.

A nova era, de uma Modernidade Líquida são desenvolvidos cada vez mais *softwares* “aniquiladores do espaço”, que viajam à velocidade da luz e atravessam o espaço instantaneamente, promovendo uma perda de importância relativa do espaço para o capital, já que a informação pode percorrer espaços longínquos em apenas um clique.

O trabalho remoto tornou-se uma realidade, sem a necessidade da presença física no escritório, ou na empresa, bastando ao trabalhador estar conectado aos aplicativos de vídeo conferência, ou às plataformas de teletrabalho, com chamadas de vídeo, trocas de mensagens de texto, planilhas eletrônicas, apresentações ou realização de treinamentos online.

Uma nova forma de trabalhar, como o home office, por exemplo, redefine o próprio trabalho, a força de trabalho e o mercado de trabalho, que deixa de ser circunscrito à região, para dar lugar a um mercado de trabalho mundial, global, interconectado.

As fábricas, por sua vez, mais enxutas, reduzidas em tamanho, seguem a tendência de contínua redução de espaço, conforme o avanço da tecnologia permite, assim como a redução dos postos de trabalho, num caminho diametralmente oposto às fábricas da Modernidade Sólida, que quanto maiores fossem, melhor expressavam a opulência do capital investido.

Em tempos de Modernidade Líquida, mais espaço e maior tamanho significam atraso tecnológico e lentidão para a fluidez do capital. Para Bauman, essa nova condição “permite ao capital ser extraterritorial, volátil e inconstante”. Viajar rápido em buscas de oportunidades onde quer que elas estejam: leveza e mobilidade. Os antigos ativos imobilizados (fábricas, galpões e escritórios) deixam de ser recursos para serem riscos, jogar fora todo peso não vital, livrar-se da onerosa administração e supervisão das equipes grandes.

A desterritorialização do capital é, portanto, vista como uma das principais marcas do modelo de uso do espaço na Modernidade Líquida. Porém, como aponta o geógrafo Rogério Haesbaert, em seu livro *O mito da desterritorialização* (2021), a globalização neoliberal difundiu o mito do “fim dos territórios”, onde a aniquilação do espaço pelo tempo seria a saída para eliminar a necessidade de espaço, sendo este o responsabilizado, em grande parte, como o empecilho ao “progresso” e à mobilidade dos capitais.

Porém, ao invés da redução de sua importância, conforme conclui Bauman, na obra em análise, o espaço mantém sua importância quanto aos usos do território, quer sejam para as estratégias logísticas das grandes companhias transnacionais, quer seja para os exércitos e seus sistemas de ataque-defesa, ou para a lógica especulativa do mercado imobiliário e, até mesmo, para possibilitar a ampliação do valor do espaço virtual, onde os fluxos dos dados da nova economia trafegam por cabos de fibras óticas dispostos sobre o território ou sobre o leito oceânico, que também se configura como parte inexorável do território de muitos países. Como podemos perceber, elementos vitais do mundo contemporâneo ainda dependem do espaço físico, pois o homem não pode viver sem território, ou fora deste.

Preferimos, no entanto, concordar com Haesbaert (2021), que ressalta que a desterritorialização proposta revela-se, na verdade, como uma nova lógica do capital para a desvalorização do espaço e, conseqüente, em um momento posterior, a revalorização do mesmo em novas bases, promovendo um nova territorialização, tornada precária para certos grupos humanos, que são deixados à margem da privatização do espaço e da lógica do consumo, enquanto seus “espaços vazios” passam a ser revalorizados pelas lógicas dos mercados e, com isso, reincorporados à lógica do capital.

Poderíamos então, finalizar este breve estudo da obra de Bauman e propor uma ampliação dessa discussão. Em oposição à lógica da desterritorialização do capital, podemos apresentar o conceito de uma multiterritorialidade, conforme proposto por Haesbaert (2004/2021), onde a multiplicidade de conceitos e possibilidades de uso do espaço se sobrepõem, numa imbricada relação de poder e interesses, os quais pretendemos tratar em outros estudos. Afinal, numa época de Modernidade Líquida e fluidez cada vez mais acelerada do Capital, a vida se torna cada vez mais dura!

Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **O mito da desterritorialização: do fim do território à multiterritorialidade**. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

HARVEY, David. **Condição pós-modernas: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Trad. Adail Ubirajara; Maria Stela Gonçalves. 24 Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HUGO, Victor. **Os trabalhadores do mar**. Trad. Machado de Assis. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

MORAES, A. C. R. de; COSTA, W. M. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1984.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Papa Francisco, Carta enc. **Laudato si: sobre o cuidado da casa comum** (24 de maio de 2015).

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. 3ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.